

A Orientação Espacial Solar dos Celtas

Prof. Dr. Filippo Lourenço Olivieri

Doutor em História pela UFF
Filippo_olivieri@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é abordar a orientação espacial dos antigos celtas. Essa orientação era baseada principalmente no movimento do sol. O deslocamento do nascer do sol em direção ao seu ocaso era particularmente importante e possuía conotações religiosas. Este movimento do astro no céu era considerado propício. Havia crenças de que cavalos, aves aquáticas, etc., podiam conduzir ou acompanhar o astro pelo céu ou no oceano do mundo inferior.

Palavras-chave: Religião celta, Orientação do sol, Cosmologia da Idade do Ferro.

Abstract

This work aims to analyse the spatial orientation of the ancient Celts. This orientation was mainly based on the movement of the sun. The way from the sunrise to the sunset was particularly important and had religious connotation. This movement of the star in the sky was believed to be propitious. There were beliefs that horses, aquatic birds, and other animals, could conduct or accompany the star throughout the sky or in the underworld sea.

Keywords: Celtic religion, Solar orientation, Iron Age Cosmology.

Introdução

Os antigos celtas e provavelmente outros povos da Idade do Ferro da Europa temperada (não mediterrânica) acreditavam em uma forma de orientação espacial fortemente baseada no movimento do sol. Há fortes indícios de concepções religiosas acerca do movimento do astro, concebido como favorável ou desfavorável. As crenças ligadas ao movimento solar seriam de vital importância não apenas para as tarefas cotidianas como para a agricultura e a pecuária, bem como para a manutenção da ordem cosmológica e a ordenação do mundo.

As fontes clássicas fazem referências a costumes que evocam de forma superficial ou indireta essas concepções. Normalmente, esses relatos não são considerados como elementos relevantes. Já as fontes literárias irlandesas expressam essas crenças ao relatar certas condutas de personagens.

Este trabalho objetiva abordar algumas dessas concepções. Visamos a uma leitura geral das crenças particularmente articuladas com o deslocamento do sol.

Os sentidos favorável e desfavorável do percurso do sol¹

Análises das fontes clássicas e o estudo do gaulês sugerem concepções religiosas atribuídas ao percurso solar na Gália na Idade do Ferro. A Literatura irlandesa também sugere concepções semelhantes.

As fontes clássicas nos dão alguns indícios sobre o sentido que os povos celtas adotavam ao orientar-se espacialmente em suas atividades religiosas. Em seu relato sobre o festim, inspirado no filósofo grego Possidônio (135-50 a.C.), Ateneu, no século III d.C., discorre sobre o sentido religioso da movimentação que os celtas da Gália adotavam.

Eles bebem pouco, do mesmo recipiente, mas o fazem com frequência. O escravo distribui a bebida circulando da esquerda em direção à direita e da direita para a esquerda; essa é a forma na qual eles servem. Eles cultuam os seus deuses, também no sentido para a direita. (Ateneu. IV, 150-152)

Jean-Louis Brunaux (2005: 182-183) coloca que os gauleses reverenciavam os símbolos dos seus deuses e os locais sagrados movimentando-se da esquerda para a direita. Segundo Venceslas Kruta, os celtas se orientavam tendo frontalmente o sol nascente como referência. O autor comenta o movimento favorável da esquerda para a direita.

Os antigos celtas definiam a orientação olhando em direção ao sol nascente: à esquerda se encontrava o norte (noite, parte escura) e à direita o sul (dia, parte clara). Dirigir-se da esquerda para a direita, no sentido horário, corresponde a uma concepção de desenrolar do tempo que começava na parte sombria (noite, inverno) e continuava na parte clara. Era o sentido de rotação conforme a esta concepção geral, logo favorável. (Kruta 2000: 765)

O sol levante de frente a leste, o sul à direita e o norte à esquerda são comuns aos povos indoeuropeus (Delamarre 2003: 142-143). Para Christian Guyonvarc'h e Françoise Le Roux, a orientação seria referida a um eixo vertical, no qual a esquerda é assimilada ao norte e a direita ao sul. O norte é o "baixo" e o sul é o "alto" (Le Roux; Guyonvarc'h 1986: 411; 1999: 139-140). Ainda segundo os autores, o vocábulo irlandês

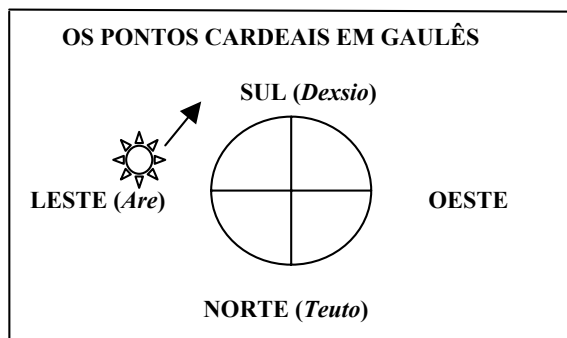
*ichtar*² designa o baixo e o norte e *túas* o alto e o sul. Isso pode indicar a concepção de um mundo inferior concebido embaixo no eixo vertical.

Um observador situado de frente para o sol levante, terá o sul à sua direita e o norte à sua esquerda, o leste à sua frente e o oeste atrás. Ao se dirigir do leste para o oeste, o sol situar-se-á ao sul durante toda a jornada: é a metade clara do mundo, reservada aos vivos, aquela que é para eles sem mistério. Durante a noite o sol está ao norte: é para os vivos a metade oculta e misteriosa, aquela dos mortos, dos seres míticos, dos heróis, e dos deuses, o *sid*. A originalidade da orientação religiosa céltica resume assim linearmente os quatro pontos cardeais em uma oposição, criada para conceber o mundo dos vivos e aquele dos mortos. (Le Roux; Guyonvarc'h 1986: 300)

O estudo do gaulês sugere que a orientação era correlata à semântica dos vocábulos, pois temos: *Are* = ao leste, em frente, próximo de, em irlandês antigo *air*. *Dexsiuo* = ao sul, à direita, favorável, em irlandês antigo *dess*. *Teuto* = ao norte, à esquerda, em irlandês antigo *tuath* (Delamarre 2003: 52; 142-143; 304).

Assim, compreendemos a razão de condutas relatadas nos textos clássicos ou na literatura, em que guerreiros expõem o lado direito ou esquerdo do corpo. Numa passagem de César (VII, 50), os guerreiros éduos (celtas da Borgonha, França) arrancam a manga direita das camisas para demonstrar aos legionários romanos que eram amigos³. Na Literatura irlandesa (Le Roux; Guyonvarc'h 1986: 299-304; Guyonvarc'h, 1994: 77, 281-282), o herói Cuchulainn expõe o lado esquerdo do seu carro de combate como hostilidade para com um exército inimigo⁴. O sentido da direita para a esquerda seria desfavorável.

O esquema reproduz os pontos cardeais de acordo com a língua gaulesa. O leste fica à esquerda, pois “em frente” em relação ao sol é devido ao sentido do deslocamento deste.



Se concebermos um eixo vertical, então, o sol após nascer no leste, dirige-se para a direita em direção ao sul, parte favorável e clara, depois se direciona para o poente no oeste, então, mergulha nas águas míticas, em direção ao norte, desfavorável, escuro. É interessante notar a ideia do norte como o lugar das águas e do Outro Mundo⁵, uma vez que na Literatura irlandesa este é constituído em grande parte por ilhas e o acesso a ele se dá em especial pelas águas (Green 1995: 142-143). O Povo da Deusa Dana teria chegado à Irlanda oriundo de ilhas ao norte do mundo, na verdade, o Outro Mundo associado às águas primordiais.

O transporte do sol de dia e à noite

Análises acerca da iconografia da Gália e Europa central na Idade do Ferro e da Escandinávia na Idade do Bronze, bem como a Literatura irlandesa, sugerem concepções correlatas sobre o transporte do sol pelo céu e pelo mundo das águas.

A partir de análises de artefatos e da iconografia de rochas decoradas do sul da Escandinávia datadas da Idade do Bronze, Richard Bradley (2009: 150-156) sugere concepções acerca do curso do sol. Para o autor, durante o dia o transporte do sol seria feito por associação aos cavalos, e se daria da esquerda para a direita. Já durante a noite, a condução pelas águas se daria pela associação a serpentes, peixes ou pelas aves aquáticas e ocorreria no sentido da direita para a esquerda.

As considerações referentes à iconografia escandinava da Idade do Bronze permitem uma articulação com informações oriundas de regiões do domínio celta, particularmente pela correlação iconográfica. O cavalo costumava ser associado ao disco solar e tal concepção está presente na arte já na Idade do Bronze, a exemplo do Carro de Thundholm⁶ (Dinamarca). Tal associação também se apresenta com recorrência na arte da Segunda Idade do Ferro (Período Lateniano), particularmente nas imagens das moedas celtas do final do período. Isso deve ser relacionado ao movimento diurno do sol (Green 1995: 90-91; 1997: 202-203; 2004: 160-161; Aldhouse-Green 2004: 140-141; Kruta 2007: 18). Durante o dia, o sol seria transportado pelo céu por uma carruagem atrelada a um cavalo. O sentido era da esquerda para a direita. Então, o astro “mergulharia” no mar, nas águas primordiais⁷.

A associação do cavalo com o curso diurno talvez seja por se tratar do animal por excelência da aristocracia guerreira. Na Literatura irlandesa, em “Destino das crianças de Tuirenn”, o deus Lugh⁸ possui um cavalo, Aenbarr, que podia voar sobre os mares (Davidson 1988: 90). É comum nessa literatura o cavalo conduzir heróis sobre os oceanos (Ross 1996: 411-413). Dessa forma, o animal ajudaria os heróis a vencer as forças promotoras do caos. E, cada vez que o sol renasce no leste, significa que as forças desagregadoras não conseguem reinar⁹. O percurso noturno do sol se associa ao mundo inferior aquático e tem raízes antigas. Segundo Kruta:

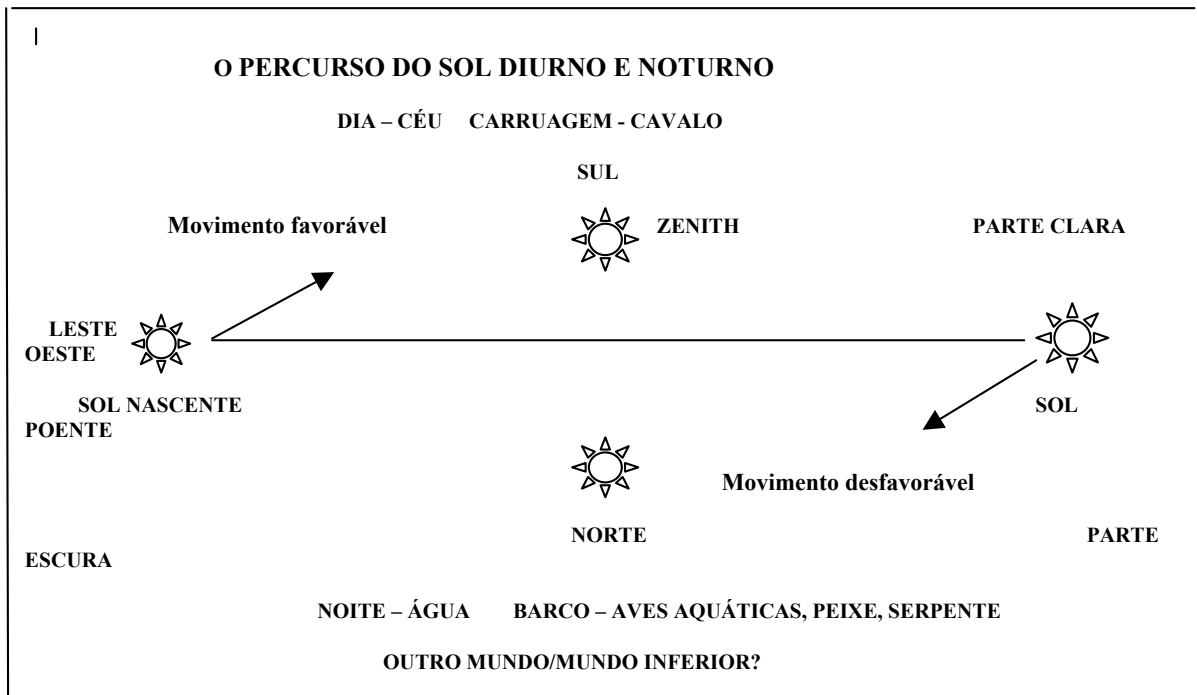
A concepção segundo a qual o astro do dia muda de natureza quando mergulha no Oceano para encontrar o universo noturno do Outro Mundo e atravessá-lo para encontrar de novo o firmamento, tem incontestavelmente raízes muito antigas já que ela é atestada por imagens do II milênio a.C. Ela corresponde, na tradição indo-européia, assim como seus ecos são perpetuados até os nossos dias, ao tema “travessia das águas inverniais”, na travessia das trevas da morte, prova que todo herói deve suportar para poder atingir o descanso paradisíaco nas ilhas da Felicidade.

Dois momentos parecem decisivos no percurso astral: seu início e o seu fim, a aurora e o crepúsculo. Eles representam a transição entre a brancura associada ao céu diurno e escuridão das trevas. Sua cor vermelha é a do fogo e da vida que ele abandona temporariamente para renascer e reencontrar a claridade. (Kruta 2007: 65 – Aspas do autor)

Para Kruta (2007: 13), o percurso noturno e oceânico do sol está associado a um barco. Segundo Miranda Green, as aves aquáticas estão relacionadas com a condução do sol pelos meios aquáticos e o mundo inferior. Há representações de barcos associados a essas aves que carregam o sol. Essa iconografia também presente na Idade do Bronze, continua pelos períodos de Halstatt e La Tène (Green 2004: 135-138)¹⁰. Também há representações do cisne ligado ao sol no poente (Ross 1996: 310). Para os antigos celtas

era corrente a ideia do sol mergulhando nas águas ao entardecer (Jones; Pennick 2005: 88). As aves aquáticas podem se movimentar nos meios aquático, terrestre e aéreo.

Proposta para o percurso do sol de dia e à noite de acordo com o que foi visto:



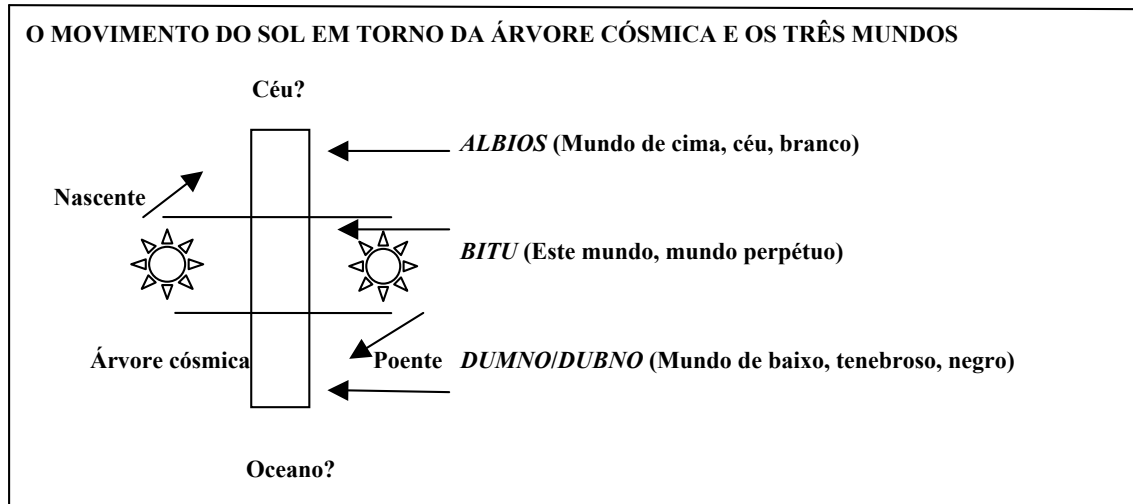
A orientação visa à ordem cosmológica

O estudo do gaulês indica a crença em mundos verticalmente ordenados na Gália na Idade do Ferro. Tal concepção se associa à crença na árvore cósmica e ao percurso solar. Este se articula com concepções acerca do Outro Mundo na Literatura irlandesa.

Richard Bradley reporta que a orientação das entradas dos recintos culturais conhecidos como *Viereckschanszen* podia estar voltada para o sul, oeste e leste, mas jamais para o norte (Bradley 2005: 16-17, 20). Acreditamos que isso seja devido ao norte ser uma direção não favorável, como já vimos, o momento em que o sol caminha pelo mundo associado aos mortos. Dessa forma, as outras três direções, indicariam o momento em que o astro ainda está neste mundo, ainda que no caso do leste e do oeste, respectivamente, indique momento de emergir e mergulhar nas águas.

A ideia dos três mundos dispostos em um eixo vertical sugere uma cosmologia vertical (Brunaux 2005: 158). Dessa forma, inferimos que o movimento do sol se articulava em sua relação com a árvore cósmica¹¹, uma vez que haveria uma concepção mítica vertical para a posição dos mundos – conhecidos em gaulês¹² – referentes a essa árvore. A partir do nascente, o sol se dirige em direção ao sul, ao mundo de cima, luminoso, *Albios*; então se dirige para este mundo, *Bitu*; depois mergulha nas águas e se dirige ao mundo inferior, *Dumno*. Dessa forma, o movimento do sol mantém a ordem cósmica porque representa o ciclo no qual o astro nasce e retorna. Na verdade, o sol “circunda” a árvore cósmica e depende da integridade desta para manter o seu ciclo diário e anual. Cada vez que o sol surgia no horizonte, no nascente, significava que mais uma vez as forças do mundo inferior não haviam detido o astro em sua trajetória em

direção ao lado claro do mundo. Proposta para o movimento do sol em relação aos mundos referentes à árvore cósmica.



O sentido dos vocábulos em gaulês, como vimos, dá uma ideia de como essas concepções cosmológicas podiam atuar. O nascer do sol, o leste, fica em frente, então o sul, para onde o sol se desloca iluminando e aquecendo a terra dos vivos será um sentido benéfico. Depois, o astro se dirige para o topo da árvore cósmica e assume o máximo da sua luminosidade e calor, pois atingiu o mundo superior. Após o *Zenith* (ponto vertical máximo), o sol se dirige para o horizonte, para se por, e penetra nas águas misteriosas, reiniciando o ciclo mítico.

Não sabemos em que medida as concepções do sul-direita favorável e norte-esquerda desfavorável deviam estar presentes. Contudo, cremos que seria necessário repetir o curso “favorável” do sol para garantir a ordem cósmica. Naturalmente, dirigir-se em direção à direita, no sentido horário ou expor o lado direito do corpo seria uma forma de evocar em certos contextos o movimento que organizaria a ordem das coisas. Os celtas e outros povos da Europa temperada (não mediterrânea) deviam ter essa noção de orientação espacial com conotação religiosa. É relevante ressaltar que o conhecimento acerca do movimento do sol, seu percurso diário e anual, era de grande importância para sociedades ainda ligadas ao meio agrário. Mesmo quando as fortalezas celtas surgiram, os *oppida*, os povos da Europa temperada centro-ocidental precisavam desses conhecimentos. Provavelmente, cabia aos druidas a guarda de certos conhecimentos astronômicos e a difusão das ideias sobre a ordem das coisas.

A importância do percurso do sol estaria ligada à crença da condução das almas dos mortos. Relatos da antiga Literatura irlandesa revelam viagens à terra dos mortos por meio das águas. Dessa forma, a manutenção do curso diurno do sol seria condição para a condução das almas até o Outro Mundo. Além disso, o nascer do sol, ou seja, seu retorno a este mundo poderia evocar o eterno ciclo das almas entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Conclusão

Os povos celtas, bem como outros povos da Europa temperada na Idade do Ferro, concebiam uma orientação espacial com conotação religiosa baseada notadamente no curso do sol. O percurso do astro do nascer ao poente, em seu deslocamento da esquerda para a direita, indicava um sentido favorável que devia ser reproduzido em certas atividades religiosas. Na verdade, trata-se de um percurso de ordem mítica no qual o sol ressurgue após sua passagem pelos oceanos primordiais do mundo inferior. O sentido oposto seria desfavorável.

Segundo as crenças, a condução do sol se dava por uma carruagem atrelada a cavalos (percurso diurno) e a um barco associado às aves aquáticas, peixes, etc. (percurso noturno). Podemos vislumbrar algumas dessas concepções na arte e mesmo nas moedas celtas.

Certas informações das fontes clássicas e literárias podem fazer sentido se observarmos que se tratam de concepções de ordem religiosa. Expor o lado direito ou esquerdo do corpo ou movimentar-se para a direita ou para a esquerda poderia ser um código relacionado com as concepções míticas que envolviam o sentido favorável ou desfavorável atribuído ao percurso do sol. Na verdade, a orientação espacial solar corroborava crenças cosmológicas muito importantes, particularmente porque dava sentido ao ritmo cíclico dos dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias

- CAESAR. *The Gallic War*. Cambridge: Harvard University Press, H. J. Edwards (Tran.). Loeb Classical Library, 2004.
- GUYONVARCH, Christian-J. (Trad.). *La Razzia des vaches de Cooley*. Paris: Gallimard, L'aube des peuples, 1994.
- ATHENAEUS. *Banquete dos sofistas*. London: Harvard University Press, Book IV, C. B. Gulick (Tran.). Hainemann LTD, 1969
- JACKSON, Kenneth H. (Tran.) *A Celtic Miscellany*. Translations from the Celtic Literature. Harmondsworth: Penguin Books, Penguin Classics, 1977.

Obras de referência

- DELAMARRE, Xavier. *Dictionnaire de la langue gauloise. Une approche linguistique du vieux-celtique continental*. Paris: Errance, 2003.
- GREEN, Miranda. J. *Dictionary of Celtic Myth and Legend*. London: Thames & Hudson, 1997.
- KRUTA, Venceslas. *Les Celtes. Histoire et dictionnaire. Des Origènes à la romanization e au christianisme*. Paris: Robert Laffont, 2000.

Bibliografia

- ALDHOUSE-GREEN, Miranda J. *An Archeology of Images. Iconology and cosmology in Iron Age and Roman Europe*. London: Routledge, 2004.
- BRADLEY, Richard. *Ritual and Domestic Life in Prehistoric Europe*. London: Routledge, 2005.
- _____. *Image and Audience. Rethinking Prehistoric Art*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- BRUNAU, Jean-Louis. *Les Gaulois*. Paris: Les Belles Lettres, Guide Belle Lettres des Civilizations, 2005.
- DAVIDSON, Hilda. E. *Myths and Symbols in Pagan Europe. Early Scandinavian and Celtic Religions*. Syracuse: Syracuse University Press, 1988.
- GREEN, Miranda. *Symbol and Image in Celtic Religious Art*. London: Routledge, 1994.
- _____. *Mythes celtiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- _____. *Celtic Art. Reading The Messages*. London: Everyman Art Library, 1996.
- _____. *The Gods of the Celts*. Stroud: Gloucestershire, 2004.
- JONES, Prudence & PENNICK, Nigel. *A History of Pagan Europe*. London: Routledge, 2005.
- KRUTA, Venceslas. *La cruche celte de Brno. Chef-d'oeuvre de l'art Miroir de l'Univers*. Dijon: Éditions Faton, 2007.
- LE ROUX, Françoise; GUYONVARCH, Christian-J. *Les Druides*. Rennes: Ouest-France, 1986.
- _____. *A Civilização Celta*. Lisboa: Publicações Europa-América, Fórum da História, 1999.
- OLIVIERI, Filippo L. Os celtas e o culto das águas: crenças e rituais. *Brathair* 6 (2), p. 79-88, 2006. (<http://www.brathair.com>)
- ROSS, Anne. *Pagan Celtic Britain. Studies in Iconography and Tradition*. Chicago: Academy Chicago Publishers, 1996.
- VENDRYES, Joseph. *La Religion des Celtes*. Spézet: Coop Breizh, 1997.

NOTAS

¹ O sentido do sol no céu é da esquerda para a direita no hemisfério norte (BRADLEY, 2009: 152-153).

² *Ichtar* era a denominação do norte de certos nomes de locais irlandeses. Também é um substantivo que designa “fundo, parte mais baixa” (Le Roux/ Guyonvarc’h 1986: 398).

³ Os legionários romanos não entenderam esse código e atacaram os seus aliados éduos.

⁴ Várias passagens reportam que o lado direito ou esquerdo dos carros de combate eram expostos de acordo com o contexto amigável ou hostil antes das batalhas ver: Françoise Le Roux e Christian Guyonvarc’h (1986: 300-303).

⁵ Sobre as características do Outro Mundo celta ou sobre o *Sid*, o Outro Mundo irlandês, ver: Miranda Green (1995: 140-144), Françoise Le Roux e Christian Guyonvarc’h (1986: 280-299). Há uma forte ligação entre o Outro mundo e as águas. Sobre os cultos das águas ver: Olivieri 2006: 79-88.

⁶ O “Carro de Thundholm” é um artefato de bronze que foi encontrado na Dinamarca, datado da Idade do Bronze, séc. XIII a.C., no qual um cavalo sobre rodas conduz a “carruagem do sol” (Green 1997: 202-203).

⁷ Ver Kenneth Jackson (1977: 85). O folclore escocês relata que o sol mergulharia no oceano.

⁸ O deus Lugh costuma ser reconhecido como um deus solar (Kruta 2007: 15, 21; Green 1997: 135-136).

⁹ Na iconografia do período romano, particularmente na Gália, há um cavaleiro montado sobre um cavalo que parece estar sobrepujando uma criatura monstruosa, como o cavaleiro de Neschers (Alier, França). Essas criaturas ostentam corpos serpentiformes (Green 1989: 126-128).

¹⁰ Sobre a importância das aves aquáticas na iconografia e na religião celta, ver Anne Ross (1996: 302-311). A iconografia dos pássaros aquáticos bem como outros símbolos podia estar presente desde o fim do segundo milênio a.C. (Kruta 2007: 13). Aves aquáticas como condutoras do sol são representadas em um caldeirão de bronze (Mariesminde, Dinamarca) da Idade do Bronze (Green 1996: 19). Uma tigela encontrada em Radovice (Boêmia, Rep. Tcheca), séc. V a.C., mostra três cisnes girando da direita para a esquerda em torno do que parece ser a representação do sol (Kruta 2007: 21).

¹¹ Árvore mítica que sustenta os mundos. Estava presente na mitologia escandinava como o freixo Iggdrasil. Na Literatura irlandesa há referências a algumas árvores míticas como o carvalho de Mughna (Vendryes 1997: 50-51).

¹² Os celtas da Gália concebiam uma cosmologia com três mundos dispostos verticalmente: *Albios* = mundo de cima, céu, branco; *Bitu* = este mundo, mundo perpétuo e *Dumno* ou *Dubno* = mundo de baixo, tenebroso, negro (Delamarre 2003: 37-38, 76-77, 150-151).